

A DIÁSPORA DE UM POVO E A LUTA POR SUA IDENTIDADE

Laïla Fleury de Azevedo

Graduada em Letras Pela Universidade de São Paulo. Pós Graduada em Estudos Literários pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila.

RESUMO:

Análise do conto A fogueira, do escritor moçambicano Mia Couto. O trabalho procura discutir a questão de um povo que, disperso pela violência das lutas de muitos anos, sente-se ameaçado, mas ainda é capaz de sonhar com sua identidade. O conto narra estranho acontecimento na vida de um casal de velhos que vivia isolado em um casebre, na roça, separado dos filhos que partiram para a guerra, em cuja narrativa, a realidade factual, ou seja, a luta pela libertação de Moçambique, se manifesta na loucura, no sonho, no mito, na esperança.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura moçambicana-crítica e interpretação; Mia Couto; Crítica literária.

ABSTRACT:

Analysis of the story A bonfire, by the Mozambican writer Mia Couto. The paper seeks to discuss the issue of a people who, scattered by the violence of many years' struggles, feel threatened but are still able to dream about their identity. The tale tells a strange event in the life of an old couple who lived alone in a cottage, in the country, separated from their children who went to war, in whose narrative, the factual reality, that is, the struggle for the liberation of Mozambique, manifest in madness, in dream, in myth, in hope.

KEYWORDS:

Mozambican-critical literature and interpretation; Mia Couto; Literary criticism.

A FOGUEIRA

MIA COUTO

A diáspora de um povo e a luta por sua identidade

“A palavra ficou grávida da mãe África. Mamana por que não cabia mais em mãe, mamãe, mamã”

INTRODUÇÃO

Em Moçambique, os escritores não podem viver só de livros, por isso, além de escritor, jornalista, de fazer parte de um grupo teatral, de colaborador para a televisão moçambicana, Mia Couto tem formação de biólogo e leciona Biologia. Sobre essa aparente contradição, diz ele: “sou escritor e cientista. A Biologia para mim não é tanto uma disciplina científica mas uma história de encantar, a história da mais antiga epopéia que é a vida. É isso que eu peço à ciência: que me faça apaixonar. É o mesmo que eu peço à literatura.” (1)

Mia Couto, Moçambicano nascido em Beira, registrado como Antônio Emílio Leite Couto, ganhou o nome Mia do irmãozinho que não conseguia dizer Emílio.

O autor era filho de portugueses, conviveu com os negros, mestiços e espoliados, o que foi de grande importância para sua formação. Iniciou os estudos de Medicina em Lourenço Marques. Abandonou-os, porém, para ligar-se à FRELIMO – movimento de libertação de Moçambique, ao mesmo tempo que se dedicava ao jornalismo, como seu pai.

Sua produção literária tem início com a poesia, seguida de contos e romance – Entre os romances, **Terra Sonâmbula**, considerado um dos doze melhores livros africanos do séc. 20, recebeu o prêmio Nacional da Ficção da AEMO em 1995. O conto **A Fogueira** pertence ao livro **Vozes Anoi-tecidas**, que recebeu o Grande Prêmio da Ficção em 1990.

Os personagens de Mia Couto funcionam, em várias de seus escritores, como representantes de uma nação que é múltipla mas que consegue, histórica e socialmente, construir sua identidade. Isso porque, segundo ele, é impossível ter o retrato de uma nação em Moçambique diante da dificuldade em costurar as várias realidades, tão dispersas. Seguindo as pegadas de G. Rosa, Couto é também inventor de significantes e significados.

Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto (1955) é escritor, poeta, jornalista e biólogo. Nasceu em Beira, Moçambique, na África no dia 05 de julho de 1955. Sua paixão por gatos o fez adotar o pseudônimo de Mia segundo centros. (ouvi mas gritos vi courefuria dizer Emílio).

POEMA DA DESPEDIDA

Não saberei nunca dizer adeus
Afinal/só os mortos sabem morrer
Resta ainda tudo,
Só nós não podemos ser.
Talvez o amor,
Neste tempo,
seja ainda cedo
não é este sossego
que eu queria,
este exílio de tudo,
esta solidão de todos

Agora
não resta de mim
o que seja meu
e quando tenho
o magro invento de um sonho
todo o inferno me vem à boca

Nenhuma palavra
alcança o mundo, eu sei
Ainda assim,
escrevo.

MIA COUTO

A FOGUEIRA IN: VOZES ANOITECIDAS

Análise do conto

Palavras-chave: Dispersão; Confronto; Morte; Libertação; Identidade.

Este trabalho procura discutir a questão de um povo que, disperso pela violência das lutas de muitos anos, sente-se ameaçado, mas ainda é capaz de sonhar com sua identidade.

A história se passa em uma região pobre de Moçambique, na África.

O conto narra estranho acontecimento na vida de um casal de velhos que vivia isolado em um casebre, na roça, separado dos filhos que partiram para a guerra.

Na narrativa, a realidade factual, ou seja, a luta pela libertação de Moçambique, se manifesta na loucura, no sonho, no mito, na esperança.

A análise da narrativa circular acompanha o tempo mítico da morte planejada no espaço habitado pelos velhos.

São personagens miseráveis que atuam na fronteira entre o real e o fantástico, desafiando o verossímil. O narrador onisciente, ora se afasta para narrar os fatos do mundo real: “A velha estava sentada na esteira, parada na espera do homem saído do mato”, ora mergulha no interior da personagem: “As pernas sofriam o cansaço de duas vezes: dos caminhos idosos e dos tempos caminhados.” O duplo cansaço é expresso pelo espaço/ tempo, num processo de causa / consequência que se concretiza na velhice.

Nessa mistura de espaço-tempo-personagem, a ambientação reflete um clima de tensão que se acentua com a pobreza e solidão revelados pelos pertences que ali se achavam: tigelas, cestas, pilão.

Os simples objetos, ao complementarem a ambientação, acrescentam o tom de magia que percorre a narrativa. Ali estão presentes o símbolo da morte, mas que também é vida, como o pilão. Ou a tigela, receptáculo de uma força mágica que reside na água e liga-se a práticas arcaicas.

Era guerra: “os filhos haviam partido... na estrada sem regresso” Provavelmente em busca da liberdade que só a luta poderia trazer de volta.

O ambiente que se desenrola a primeira parte da cena viva que problematiza o momento trágico da aproximação da morte. O autor / narrador assume o modo de dizer Moçambicano nos diálogos que expressam o modo de ser desse povo.

Na cultura africana, o ancião é quem detém a experiência e a sabedoria:

- “Estou a pensar.

- É o quê, marido?

- Se tu morres como é que eu, sozinho, doente e sem as forças, como é que eu vou lhe enterrar?

Os africanos não encaram a morte com sofrimento. Por isso, diante dos argumentos do marido para convencer a mulher da urgência em abrir a cova para enterrá-la, ela reage com alegria agradecida:

Uma atenção maior às expressões dos diálogos revela os significantes, a intencionalidade do autor em utilizar a linguagem típica dos nativos e a de caracterizar pelo linguajar aquela população desprovida de recurso material e linguístico para se defender. Essa situação pode ser comparada à de Fabiano, em *Vidas Secas* (3): Por não conseguir expressar-se com clareza, acaba sendo humilhado e preso pelo soldado amarelo.

Em seguida vem o mergulho no interior da personagem por parte do narrador que reforça o pensamento anterior:

- “Como és bom, marido! Tive sorte no homem da minha vida.”

Essa aparente aceitação revela a ambiguidade da cena do diálogo acima, com o marido, e o que se passa no pensamento da

velha, quando diz que o marido está a diminuir. “Meu marido está a diminuir...” Ele torna-se menor, apequena-se diante dela, sua alma se encolhe diante do imponderável. É a metáfora da guerra.

Na metáfora da guerra, as personagens reproduzem a batalha. E cabe ao velho traçar o destino da mulher que deve morrer primeiro para que o rito do sagrado seja cumprido.

O diálogo em cena dramática prossegue. Tempo/espaço se movimentam durante os preparativos para a execução da cova. Mas o diálogo dos velhos conserva a cena estática e densa dos primeiros momentos:

Em tom de quase desafio, pois mantém-se de costas para ele, a mulher revela coragem quando pede ao marido:

“– Cova pouco fundo. Quero ficar em cima, perto do chão, tocar a vida quase um bocadinho”, diz ela, revelando o desejo de permanecer viva.

Os velhos são os guardiões da cultura popular pois trazem o registro dos costumes do passado. Mas de acordo com Mia Couto (4), isso nem sempre sucede, mesmo em sociedades que não foram desarrumadas pela colonização. E, em certas sociedades, quando subsistem, o lugar do mais velho é fonte de prestígio e saber; a mulher é excluída desse pedestal.

Até que vieram as chuvas, como um processo infundável, encharcando o espaço e destruindo o trabalho do velho que por duas semanas cavara a sepultura da mulher.

A ambientação se transforma com as águas. A cena é mítica:

“O velho amaldiçoou as nuvens e os céus que a trouxeram”, mas ele não pode parar de cavar. A mulher alerta: “vai ser dado o castigo”. Ele está frágil, doente, mas tem que continuar.

Foi então que, após limpar-lhe o suor do rosto, a mulher advertiu:

- “Você está cheio com a febre. Foi a chuva que apanhaste.

- Não é mulher. Foi que dormi perto da fogueira.

- Qual fogueira?”

O fogo, nos ritos iniciáticos de morte e renascimento, associa-se ao seu princípio antagônico: a Água.

Ele respondeu um gemido. “A velha assustou-se: qual o fogo que o homem vira? Se nenhum não havia acendido?”

A fogueira está ligada aos hábitos da cultura africana: os velhos se postam à sua volta e cultivam o hábito de contar histórias e lendas. Logo, é símbolo significativo para os nativos. Para o bem ou para o mal. Aqui, havia a luta pela libertação. O fogo era sinal de morte.

Fogo e água ambientam o espaço onde a morte e o delírio se juntam para o clímax:

“-Mulher, disse ele com voz desaparecida. Não lhe posso deixar assim.

-Estás a pensar o quê?

-Não posso deixar aquela compra sem aproveitito. Tenho que matar-te.”

A mulher concorda que é uma pena desperdiçar tanto trabalho. A morte fica para o dia seguinte, pois o marido estava sem forças para cumprir naquela hora o que devia ser feito.

O velho adormeceu e a mulher sentou-se à porta, pensando: “ela, cujo nascimento faltara nas datas, tinha já o seu fim marcado”. E, como uma divindade do panteão grego – recordadora Mnemosyne, irmã de Cronos e de Oceanos, do tempo e das águas, a velha preside à função poética que exige intervenção sobrenatural. É uma forma de delírio e de entusiasmo (5): a velha sonha dos filhos e netos, com o marido contando as histórias. Essa esperança, o sonho emancipatório, é a metáfora da libertação.

Em seu sonho, vieram os filhos e a fatura de alimento:

“vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos, os olhos a escorregarem no verde. O velho no centro, gravatado, contando as histórias...”

Queria prolongar o sonho, mas ao tocar o braço do marido percebeu que ele adormecera longe dessa fogueira que ninguém nunca acendera.

NOTAS

1 in Uma palavra de conselho e um conselho sem palavras. Mia Couto, para o projeto www.cienciaviva.pt/textomiacouto.Asp

2 in Dicionário de Símbolos

3 in Ramos, Graciliano. **Vidas Secas**. 1964 9ª. ed. Martins Editora, p. 35, 37, 153

4 Entrevista com Mia Couto, in O Globo, caderno Prosa e Verso, p. 6

5 Bosi, Ecléa, p. 47

Referências:

Bosi, Ecléa (1987). **Memória e Sociedade** – lembranças de velhos. São Paulo 2ª. ed. T. A. Queiroz Editor: Universidade de São Paulo.

Bosi, Alfredo (?). **A interpretação da obra literária**, in: Céu, Inferno – Ensaios de Crítica Literária e Ideológica São Paulo. Atica.

Bosi, Alfredo (org.) – (1998). **Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo**, in O Conto Brasileiro Contemporâneo. São Paulo. Cultrix.

Cândido, Antonio (1967) **Literatura e Sociedade**. São Paulo. Companhia Editora Nacional.

Cortazar, Júlio (). **Alguns Aspectos do Conto**, in Valise de Cronópio – São Paulo – Editora Perpectiva.

Couto, Mia (1986). **A Fogueira**, in Vozes Anoitecidas – Coleção Karingana. Prosa 1.

Couto, Mia (2007). **O prazer quase sensual de contar histórias** – Entrevista publicada no O Globo, p. 06, em 30.06.2007.

Leite, **Ligia Chiappini Moraes**. O Foco Narrativo.

Lins, Osman, (). **Espaço Romanesco e Ambientação**.

Nunes, Benedito (1988) – **O Tempo na Narrativa**. São Paulo. Editora Atica.

